

## COMO SE TORNAR UM PINGUIM DE GELADEIRA

Imagine férias com temperaturas abaixo de zero graus, ventos arrepiantes, instabilidade climática que alterna dias ensolarados com semanas tempestuosas e, para completar, não anoitece na região. Para se chegar lá, somente de barco e o único meio de transporte pelos arredores é o helicóptero - desde que o tempo ajude, é claro.

Para quem ainda não descobriu onde se localiza este “paraíso”, estamos falando da Antártica, com seus fiordes de gelo branco, águas cor azul turquesa e icebergs com mais de 150 Km de comprimento, fazendo deste um dos últimos locais da Terra ainda sem dono.

Em um bate-papo acalorado com Luiz Eduardo Consiglio, aprendemos um pouco mais do que acontece ao se cruzar o paralelo 60° rumo ao Sul.

Luiz Eduardo é instrutor de escalada em gelo e montanha do clube alpino paulista. O clube forma alpinistas especializados em gelo para apoiar as equipes da marinha brasileira na Estação Comandante Ferraz, nos navios de pesquisa e nos acampamentos remotos da Antártica. O instrutor já participou de 9 expedições, atuando em situações extremas na ilha Rei George e imediações.

A base brasileira Comandante Ferraz está estabelecida na ilha Rei George e tem como principal objetivo desenvolver pesquisas relacionadas a buracos na camada de ozônio, o aquecimento global e o aumento no nível do mar.

Comemorando os 20 anos de instalação, a base evoluiu de um alojamento temporário para um complexo de pesquisa que abriga de 30 a 50 pesquisadores e não deixa a desejar para nenhum dos outros 12 países que estão estabelecidas na Antártica, lembra Luiz Eduardo Consiglio.

A estação é modelo a ser seguido na gestão dos resíduos gerados, pois possui um plano de manejo que utiliza incineradores de resíduos orgânicos que não poluem a atmosfera, transformando tudo em cinzas, enviadas para o continente junto com latas e vidros. Ao final, o destino de todo o material reciclável são as entidades beneficentes.

Mesmo com essas ações ambientais, diversos impactos acontecem na região, mas o grande problema não são os pesquisadores. Ao longo dos anos, o turismo vem crescendo na Antártica. Por isso, é comum num local de pesquisa encontrar pessoas deixando seus rastros.

O ambiente antártico possui um solo muito frágil e difícil de se regenerar. Ao contrário do que muitos acreditam, a Antártica é um grande deserto congelado. Nevar lá é um acontecimento raro. Pegadas da década de 60 ainda estão presentes na região.

Claro que não é só de gelo e rochas que consiste a região. A Antártica também conta com biodiversidade vegetal e animal. Pode-se observar muitas espécies rasteiras; líquens; flores e vida animal com as algas; krill, os microcamarões, importante elo da cadeia alimentar dos peixes, focas e baleias; sem contar os pinguins, sempre galantes em seus fraques impecáveis.

Outro impacto grave gerado pelo ecoturismo é a facilidade de se chegar perto dos ninhos dos pinguins. O problema é que eles se assustam com a presença das pessoas e deixam os ninhos cheios de ovos à mercê da sorte e a espera dos pássaros, que aguardam esta oportunidade para se alimentar dos ovos desprotegidos.

Segundo o Protocolo de Madri, assinado por todos os países que atuam na Antártica, a região só poderia ser utilizada para propósitos de paz e pesquisas científicas. Como não tem um governo que impõe Leis, a Antártica chegou a receber em 2003 mais de 19 mil turistas só na península antártica, vindos principalmente dos Estados Unidos. O número de pesquisadores na área total da Antártica, que mede 19 milhões de Km<sup>2</sup>, é de apenas 2.500 pessoas.

Um cruzeiro de 7 dias em cabine simples não sai por menos de 7 mil dólares para um público de aposentados que só se interessam por whisky com gelo milenar e que, antes do surgimento das máquinas digitais, deixavam milhares de caixas de filmes fotográficos jogados pelas trilhas.

Estes fatos nos levam a pensar no modo como o turismo sem planejamento, que envolva capacidade de carga, motivação e interesse ambiental, está sendo desenvolvido por empresas brasileiras e estrangeiras. Devemos questionar se este turismo pode se instalar em todos os cantos do planeta ou se existem regiões onde não teríamos o direito de explorá-las pelo mero prazer de uma conquista.

Adriano Buzoli (professorbuzoli@gmail.com)

